


 GES
PCP

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

NÃO BASTA SABER AVANÇAR É NECESSÁRIO SABER RECUAR

No manifest. do Secretariado do CC de 4 de Agosto dizia-se:

“A vitória definitiva não se consegue com avanços consecutivos. É também necessário saber recuar quando as condições forçam a isso. Mas recuar reagrupando forças, consolidando posições, preparando novas ofensivas.”

O Partido, destacamento avançado da classe operária, aconselhar assim um recuo à sua classe. Seria esta uma posição justa? Não deveria o Partido ter lutado até à última para continuar a greve? Não deveriam os comunistas dar às massas o exemplo, não regressando ao trabalho enquanto todas as reivindicações operárias não fossem atendidas?

A posição do Partido foi totalmente justa. Porquê?

Vejam-se a situação no dia 21 de Julho, data em que o Secretariado do Partido lançou o seu manifesto convidando as massas operárias à ofensiva, à greve. A classe operária tinha esgotado todos os meios legais para obter a satisfação das suas reivindicações. O patronato e o fascismo não se mostravam dispostos a ceder pela luta legal. Nas massas verificava-se uma crescente vontade de luta. Sob o ponto de vista de organização, o Partido contava com fortes organizações de empresa que dirigiam efectivamente os movimentos reivindicativos nas respectivas empresas. Estavam preenchidas as condições para desencadear a ofensiva, para lançar a palavra de ordem: à greve!

Vejam-se a situação no dia 27 de Julho, data em que o Secretariado lançou o seu manifesto com as consignas: «É necessário continuar e alastrar o movimento!» e «A classe operária quer que as reivindicações sejam atendidas em todas as fabricas e empresas». A greve havia-se declarado nas empresas previstas pela direcção do Partido (salvo na area de actividade de dois comités de zona). Noutras empresas, os operarios haviam secundado o movimento. O patronato fez em varias fabricas propostas muito concretas para satisfazer as reivindicações, mas aceitá-las nesse momento, numa ou noutra fabrica isoladamente, seria quebrar o movimento que se encontrava num período claramente ascendente. Noutras empresas as condições estavam maduras para que a greve fosse declarada. Estavam preenchidas as condições para continuar na ofensiva, para continuar a alastrar o movimento.

Vejam-se a situação no dia 23 de Julho, data em que o Secretariado

lançat-o seu manifesto com as consignas: «Continuemos em greve até que as nossas reivindicações sejam atendidas» e «a greve deve alastrar a todo o país». A greve alastrara a toda a região de Lisboa, compreendendo um total de quasi 50.000 trabalhadores. Grandes marchas de fome e demonstrações de rua haviam tido lugar. Em várias fábricas os trabalhadores haviam recusado aceitar a solução do seu caso isoladamente. O governo fascista, saltando por cima da vontade que muitos patrões tinham de solucionar o caso, adotou ferozes medidas repressivas. A luta económica transformara-se numa luta política contra o fascismo. Havia que obter uma satisfação geral das reivindicações para todos os trabalhadores em greve e essa satisfação, depois das medidas do governo, não podia já ser dada pelo patrão desta ou daquela empresa, mas pelo próprio governo fascista. Para fazer recuar o governo fascista, era necessário que a greve alastrasse a todo o país. Este alastramento da greve era dum a absoluta necessidade para a vitória da classe operária, dado que as greves haviam representado um avanço demasiado profundo. A não se prosseguir esse alastramento, seria necessário operar um imediato recuo. Estavam preenchidas as condições para tentar ainda continuar na ofensiva, atacando com decisão e procurando uma vitória total.

Vejamos agora a situação no dia 4 de Agosto, data em que o Secretariado lança o seu manifesto com a consigna «retomemos o trabalho». Embora se verificassem condições para a eclosão da greve noutros pontos do país, o Partido

só tinha confiança em dois pontos. A repressão feroz, as prisões em massa, de pedimentos, ocupação militar de localidades e de fábricas, cortaram as ligações entre vários sectores da frente nesta batalha da classe operária. Em algumas fábricas e empresas, os trabalhadores começaram a sentir-se esgotados pela fome e acusavam-se sintomas de que milhares de que milhares de trabalhadores dessem regressar ao trabalho, mesmo nas antigas condições. O movimento avançara demasiado e persistir na ofensiva, representaria perder as ligações com a retaguarda, separar a vanguarda das massas, seria aceitar uma batalha decisiva contra o fascismo em condições claramente desvantajosas para a classe operária. Nestas condições impunha-se um recuo, um recuo ordenado. Esse recuo ordenado seria retomar o trabalho alcançando em cada empresa o máximo de reivindicações, conseguir a libertação dos trabalhadores presos e a readmissão de todos os trabalhadores.

Quais as vantagens de tal recuo? A primeira: Evitar um recuo desordenado, em pânico, durante o qual o patronato e o fascismo tivessem possibilidade de quebrar totalmente a unidade do movimento e impor à classe operária condições draconianas de rendição. A segunda: manter o máximo de terreno conquistado, o cumprimento do máximo de promessas feitas. A terceira: impedir que a vanguarda (o Partido e os trabalhadores mais conscientes) se isolasse das massas, que ela fôsse aniquilada deixando as massas em retirada sem direcção nem comando, o que

as colocaria à merce do patronato e do fascismo e quebraria a possibilidade de reagrupar rapidamente forças para voltar à ofensiva. A quarta: organizar forças, consolidar posições, reforçar as próprias fileiras, tendo em vista a preparação de novas ofensivas, em condições mais vantajosas para a classe

operaria.

Tais eram as vantagens do recuo ordenado, do recuo preconizado pelo Partido.

Este recuo esta conforme à orientação leninista do Partido. Lênine, na «Doença Infantil do

(Continua na pag. 6)

TAREFAS IMEDIATAS

DEPOIS das grandes greves e manifestações operárias; depois da «vitória política alcançada pela classe trabalhadora e pelo seu Partido, o Partido Comunista» sobre o fascismo salazarista, as nossas tarefas mais imediatas são: **esclarecimento, união e organização** da classe operaria com o objectivo de a manter mobilizada e em luta constante pela satisfação imediata de todas aquelas reivindicações que ainda não foram satisfeitas, e de a preparar para as novas e grandes jornadas que se avizinham.

Mas sera isto possível? É, pelas seguintes razões:

1— O fascismo salazarista reprimindo brutalmente as greves e manifestações dos operários e das operárias, nada permitiu fazer no sentido de minorar a situação de fome e miséria da classe trabalhadora.

2— O fascismo português com as suas medidas de repressão trouxe para a classe operaria mais fome e miséria, mais desemprego e mais prisões, porquanto de recuo o encerramento das fábricas e privou muitas famílias dos seus chefes.

3— Porque durante e depois do movimento espancou e espingar-

deou os trabalhadores; porque utilizou a inscrição como ratoeira para prender e lançar no desemprego muitos trabalhadores, o governo fascista de Salazar acendeu cada vez mais o ódio contra si, cavando mais fundo por outro lado, o abismo que o separa cada vez mais das massas trabalhadoras e do povo português.

Por tudo isto, todas as organizações e militantes do Partido devem redobrar a sua actividade e iniciativa afim de reforçar o seu trabalho de mobilização das massas à base das seguintes palavras de ordem:

Pelo aumento dos salarios de harmonia com o custo da vida.

Pela integração dos subsidios nos salarios.

Abolição de todos os desoncos.

Pagamento a dobrar dos domingos e das horas extraordinarias.

Justa fixação de categorias.

Abertura imediata de todas as fabricas encerradas pelo govêno durante o movimento.

Libertação e reintegração no trabalho de todos os operarios e operarias presos durante e depois do movimento.

Pelo fortalecimento de generos ao preço da tribela.

APROVEITEMOS AS NOVAS PERSPECTIVAS



As últimas greves e manifestações operárias demonstraram mais uma vez, e de forma bastante clara, que as massas trabalhadoras do nosso país, mesmo onde não tínhamos organização partidária, estão cada vez mais decididas a lançar-se na luta até à completa satisfação de todas as suas reivindicações, e pelo derrubamento do governo fascista de Salazar.

Muitas fábricas e empresas, apesar da falta de organização do Partido e dum organismo que dirigisse a greve, paralizaram completamente.

Os operários e operárias das ditas fábricas e empresas fizeram causa comum com os restantes grevistas nas manifestações e protestos, na luta e nos esforços pela paralisação total na região de Lisboa.

Mas em muitos casos a luta da classe operária em algumas fábricas e empresas não teve um objectivo verdadeiramente defendido, no que respeita à satisfação das suas reivindicações e aspirações locais. Muitos operários e operárias limitaram-se a abandonar o trabalho e as fábricas, em vez de as ocuparem e exigirem em massa, ou por intermédio de comissões, a completa satisfação de todas as suas reivindicações. Contudo, nestas fábricas e empresas, muitos operários e operárias se destacaram dando exemplos de heroísmo e abnegação, na luta pela defesa dos interesses da classe a que pertencem.

Em virtude disto, todos os organismos e militantes do nosso P., devem, desde já, encarar as possi-

bilidades e formas de se poram em contacto com estas fábricas e empresas. Devem encarar imediatamente a melhor maneira de estabelecer ligação com todos os operários e operárias que mais se destacaram nas últimas lutas, com o objectivo de **estabelecer ali organização partidária**, à base das palavras de ordem do P., fazer com que ao participarem de novo na luta, o façam de maneira organizada e consequente.

Mas como consegui-lo?

- 1 — Saber imediatamente quais as fábricas e empresas que se lançaram no movimento sem um carácter defendido no que respeita às suas reivindicações.
- 2 — Ponderar como **tarefas para todos os militantes do P.** procurar, por todos os meios, os ditos operários e operárias, que mais se destacaram no último movimento, estabelecendo com eles laços de amizade e de organização.
- 3 — Induzi-los, de harmonia com as suas capacidades e nas novas condições de luta, de maneira que possam nos seus lugares de trabalho, realizar uma positiva actividade de organização e mobilização de massas, quer recrutando entre os trabalhadores que mais se destacaram elementos para a formação de células do P., quer formando Comités de Unidade.
- 4 — Assegurar com estes trabalhadores um estreito contacto que nos permita dirigi-los na luta pelas suas reivindicações, bem como pelas reivindicações dos seus companheiros de trabalho.

O "BAIRRISMO POLÍTICO"

uma das formas do sectarismo partidário

UMA das causas que têm seriamente impedido o alargamento da influência do nosso Partido como única força organizada na luta popular contra o fascismo, consiste no facto de muitas das nossas organizações locais se encerrarem num trabalho puramente local, numa espécie de «bairrismo político», que as impede de abarcar não só os problemas do conjunto da sua região, mas também aqueles adstritos à sua própria localidade.

Não há dúvida que esta deficiência das nossas organizações locais — uma das formas do sectarismo de que ainda enferma o nosso trabalho partidário — não tem encontrado da parte dos camaradas responsáveis locais uma ventada decidida de a combater e eliminar, quando não são eles próprios a enfermarem dessa debilidade política.

É um exemplo típico do que assinalamos o que se passou recentemente em determinada organização regional por ocasião de importantes movimentos massivos que se deram na respectiva região.

Os camaradas responsáveis da organização da localidade onde êles se registaram com maior intensidade, quasi se não aperceberam da sua fermentação e, a quando da sua efectivação, ficaram surpreendidos, e não souberam agir de maneira a interessar neles toda a população trabalhadora local, possibilidade que depois se verificou existir.

Noutra organização vizinha, e que pela sua constituição proletária tende a ser o fulcro de toda a organização regional, os camara-

das que têm desenvolvido um bom trabalho local não se interessaram pelos acontecimentos que se desenrolavam ali, «nas suas costas», e isto sob o pretexto de que «aquilo» não era com êles, mas sim com a organização da primeira localidade.

É absolutamente necessário que os camaradas das aludidas organizações locais façam uma revisão de todos os seus êrros, operando uma decidida viragem em toda a sua actividade, de forma a não se verificarem de futuro êrros idênticos. Os camaradas da primeira organização, que advogavam a opção de que era impossível desenvolver o trabalho local pela ausência duma grande empresa na localidade e conseqüente falta de um proletariado industrial «fixo», e para a qual a eclosão dos movimentos tráz o melhor desmentido, devem orientar o seu trabalho futuro, à base dos ensinamentos colhidos e construir os alicerces para uma sólida organização local.

Aos camaradas da segunda organização lembraremos que uma organização local só é realmente forte na medida em que sabe irradiar a sua influência — a influência do Partido portanto — a toda a sua região, na medida em que se apercebe e conduz todos os movimentos que nela se desencadeiam, na medida em que sabe succidir qualquer sombra de «bairrismo político», de «indiferentismo» da sua actuação.

Pela edificação duma sólida organização à base regional, como condição para o reforçamento do trabalho partidário à base nacional!

Não basta saber avançar

É necessário saber recuar

(Continuação da pag. 5)

Comunismo» notara que «os Partidos revolucionários devem compreender... que a vitória é impossível sem ter aprendido tanto a atacar como a recuar correctamente». E o camarada Stáline respondendo à pergunta «o que significa uma utilização correcta das reservas?» diz:

«4º — manobrar com as reservas para efectuar uma retirada correcta, quando o inimigo é forte, quando a retirada é inevitável, quando são óbvias as desvantagens de travar a batalha a que nos força o inimigo, quando a retirada é o único caminho, sob uma dada correlação de forças, para desviar um golpe da vanguarda e conservar intactas as reservas.» (Fundamentos do Leninismo, ed. inglesa, vol. I,

pg. 80).

O recuo indicado pelo Partido estava pois claramente dentro dum linha leninista. O Partido, indicando o recuo com a orientação que deu agiu em conformidade com a estratégia leninista. Só esse recuo permitiu conservar posições para se partir para novas ofensivas. É de aconselhar «retirar em boa ordem, quando as forças do inimigo são muito superiores às nossas, afim de preparar com a máxima energia uma nova ofensiva.» (História do PC (b) da URSS, pg. 219).

É na preparação dessa nova ofensiva que se devem concentrar todas as nossas forças e energias. O recuo tático efectuado sob a direcção do Partido permitirá lançar-mo-nos de novo à ofensiva.

«Para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver nem governar como outrora. Só quando as «camadas baixas» não querem o velho e as «camadas altas» não podem sustentá-lo ao modo antigo, só então pode triunfar a revolução. Noutros termos, esta verdade expressa-se do modo seguinte: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral (que afecte a explorados e a exploradores). Por conseguinte, para a revolução é preciso obter, primeiro, que a maioria dos operários (ou em todo o caso, a

maioria dos operários conscientes, reflexivo, politicamente activos) compreenda profundamente a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes governantes atravessem uma crise governamental que arraste à política até as massas mais atrasadas (o critério de toda a verdadeira revolução é uma rápida e grande elevação do número dos homens aptos para a vida política entre as massas trabalhadoras e oprimidas, apáticas até então), que reduza à impotência o governo e torne possível o seu derrubamento rápido pelos revolucionários.»

(Lenine, Obr. Compl., ed. russa, t. XXV, pag. 222)